

Tammara Webber

Entrelinhas

Série **Entrelinhas**

LIVRO 1

Tradução

Cláudia Mello Belhassof

1ª edição

Rio de Janeiro-RJ / Campinas-SP, 2015



VERUS
EDITORA

1

Reid

— Você mora com os seus *pais*?

Quando você é uma celebridade e tem mais de doze anos, as pessoas não esperam que você more com os seus pais, se é que elas imaginam que você *tem* pais. Estrelas de cinema surgem, teoricamente, totalmente formadas, na fase adulta, já comprando apartamentos. Garotas mais velhas são as que mais ofendem quando se trata dessas expectativas de independência, e a que está encostada em mim neste momento não é diferente.

Sua pergunta é sussurrada em resposta a eu mandá-la falar baixo enquanto estou tentando enfiar a chave na fechadura, entrar em casa com ela e chegar ao meu quarto sem interferência. Agora ela está dando risinhos, com as duas mãos na boca, abafando o som — apesar de que talvez eu não consiga ouvi-la, porque os meus ouvidos ainda estão zumbindo por causa do show em que ela estava no palco tocando baixo com mãos habilidosas enquanto eu assistia da seção VIP.

Aperto os olhos para ela, porque estou balançando e ela está balançando e nossos movimentos não estão sincronizados.

— Eu disse que estava fazendo dezoito anos hoje, não trinta. Onde você *espera* que eu more? — Não há rancor por trás das palavras arrastadas, e, por sorte, ela parece deduzir isso pelo meu tom.

— Tá bom, tá bom, meu Deus. Eu esqueci que você é um bebê.

Arqueio a sobrelanceira para ela enquanto a chave desliza na fechadura com um raspão metálico.

— Não. Hoje à noite eu sou um homem. Lembra? — Não vou me preocupar em dizer a ela que outras garotas da sua idade não esperaram até eu atingir a maioridade; prefiro deixá-la supor que tem alguma coisa para me ensinar. Quem sabe, talvez tenha mesmo. Viro a chave até a fechadura fazer um *clac*, giro a maçaneta e empurro a porta com o ombro. Entramos. Coloco um dedo nos lábios franzidos e repito: — Shhh — enquanto arranco a chave da fechadura.

Desta vez, ela faz que sim com a cabeça, balançando mais perto com um sorriso safado, se inclinando na minha direção enquanto eu me apoio na moldura da porta. Sua maquiagem está borrada, e ela está cheirando a cigarros fedorentos e cerveja — mas eu também estou.

— Eu me lembro. — Sua voz está áspera, como os dentes da chave na fechadura.

* * *

Sonhos induzidos por álcool são sempre esquisitos e brutos — e estou falando isso no melhor sentido possível. Depois vem o ato infeliz de acordar. Nesse ponto, o barato já sumiu há muito tempo, as inibições estão voltando num fluxo e a única coisa dura é o meu crânio. Acrescente um estímulo externo, tipo, digamos, um celular tocando no nível “acorda-porra”, e eu sou jogado para o lado oposto de um estágio agradável de embriaguez. De repente um cortador de grama cerebral alucinado está passando por um lugar bem atrás dos meus globos oculares. Bem-vindo à terra da ressaca.

Aperto “atender” para interromper a gritaria (eu gosto dessa música? sério?), mas não me dou ao trabalho de responder, porque minha

boca é um deserto e a fala é improvável. Tem uma garrafa de água na mesa de cabeceira, mas, quando me estico para pegá-la, deixo o telefone cair, e ele emite a voz quase inaudível do meu empresário, George.

— Alô? Reid? Alô-ô?

Merda. Pego o telefone do chão e quase caio da cama.

— Alô? — Minha voz parece ter passado pelo cascalho, inclusive no sabor.

— Noite difícil? — George está sendo sarcástico, mas não de um jeito rígido. Ele é meu empresário, não meu pai. Suponho que seja grato ao universo, ao destino, a Deus, a quem quer que seja que está no comando. Sou melhor como cliente do que como filho. Pode perguntar para o meu pai.

Levanto a cabeça um milímetro, para ver se a baixista gostosa da banda que John e eu vimos ontem à noite ainda está aqui. Eu me lembro vagamente dela tropeçando pelo meu quarto, dando risinhos como se tivesse treze anos em vez dos vinte e qualquer coisa que ela disse que tinha. Ela não está em lugar nenhum, mas tem um bilhete quase ilegível debaixo da minha garrafa de água, que forma um círculo manchando a tinta. Tomo um gole generoso da garrafa e leio:

Reid, noite incrível. Podemos repetir?

Deixei meu número no seu celular.

Cassandra.

Cassandra. Ela falou o nome ontem à noite? Não me lembro.

— Reid? — A voz do George. Droga.

— Oi. — Viro para uma posição sentada na lateral da cama, com uma das mãos na cabeça e a outra segurando o celular, tentando decidir se preciso vomitar ou não. Veredito: possivelmente.

— Richter acabou de ligar. Você conseguiu o papel em *Orgulho estudantil*. Ele disse que está ansioso para trabalhar com você. — Adam Richter é um dos maiores diretores de Hollywood. O cara é uma len-

da, com ótimo instinto para dramas adolescentes. — Aliás, você foi escalado para fazer uma participação de dois minutos no *ET* amanhã, então descansa. Além disso, o Richter quer que você apareça nos testes para o papel de Lizbeth, que vão começar daqui a umas duas semanas. A gente conversa sobre isso na sexta-feira.

— Claro. — Meu Deus, parece que a minha cabeça vai cair. — Onde é a filmagem?

— Eles decidiram filmar em Austin.

— No *Texas*?

— Da última vez que eu verifiquei, sim, é lá que fica Austin.

— Irra!

Orgulho estudantil, *ET*, testes, Austin. Jesus, minha cabeça vai explodir. Por que eu nunca lembro que manhãs como a de hoje são a consequência previsível de noites como a de ontem?

Emma

Meu pai coloca molho Alfredo sobre tigelas de linguini enquanto eu arrumo a mesa para três pessoas.

— Dan ligou hoje à tarde — diz ele. Dan é o meu agente, e essa é a minha deixa para me preparar para um novo teste. O que vai ser desta vez? Propaganda de absorventes? Mais um papel coadjuvante num filme do canal Lifetime? — Ele disse que você tem um teste pro *papel principal* num filme de ampla distribuição. Você gostaria de interpretar... — suas mãos entram no modo de enquadramento — ... Elizabeth Bennet?

Franzo a testa.

— Mais uma refilmagem? Acabaram de fazer uma adaptação de *Orgulho e preconceito* há poucos anos. — E tem a questão do meu sotaque britânico enferrujado (e, sinceramente, meio que péssimo).

— Essa é a questão. Não estamos falando da Inglaterra do século XIX. É uma versão moderna, que se passa numa escola de ensino médio dos Estados Unidos. — Ele espera o meu entusiasmo, mas só consigo pensar: *Iupi. Um papel bonitinho numa versão corrompida de um dos meus livros preferidos.*

Antes que eu consiga me impedir, penso numa resposta melhor que a simples falta de entusiasmo.

— *Orgulho e preconceito* numa escola de ensino médio. Sério?

Ele suspira e joga o pacote com o roteiro na mesa da cozinha, e não discutimos mais o assunto. Esta é a nossa solução padrão para esse tipo de conflito: nós dois fingimos que eu aceito o que ele quer. Nesse caso específico, eu levo o pacote para o meu quarto e começo a decorar falas, e ele diz ao Dan que estou empolgadíssima com o teste.

Conseguir esse papel mudaria a minha carreira, sem dúvida. Todos os papéis insignificantes, as propagandas de lojas de departamentos e bacon e suco de uva me trouxeram até este momento... em que tento conquistar mais um papel da garota comum (mais importante que qualquer papel anterior da garota comum). A verdade é que não estou só cansada de papéis unidimensionais. Estou cansada de fazer filmes, ponto.

Quando eu tinha treze anos, fui uma das fadas numa produção de teatro local de *Sonho de uma noite de verão*. Adorei a representação ao vivo, a emoção das reações da plateia. Implorei para fazer mais teatro nos quatro anos que se seguiram, mas isso nunca vai acontecer, porque Dan e o meu pai-empresário consideram o meu papel em *Sonho* um serviço comunitário isolado. Eles querem que Emma Pierce seja um nome conhecido, então não tenho tempo para papéis bobos no teatro local.

Como um meio-termo, tentei sugerir roteiros de filmes independentes esquisitos e instigantes. Eles me desanimam todas as vezes.

— Acho que não é isso que queremos para a sua carreira — diz um deles, e eu me encolho e me escondo, porque, quando se trata de administrar a minha própria vida, sou uma covarde total.

Hoje de manhã mesmo, eu me senti uma garota normal — olhando o celular e o computador em busca de mensagens noturnas, planejando uma ida ao shopping com a Emily. Um dia de atividades típicas de primavera com a minha melhor amiga era exatamente o que eu precisava para me fazer sentir *normal*. Nós abrimos as janelas, cantamos nossas músicas preferidas, conversamos sobre os garotos que conhecemos e especulamos sobre os que não conhecemos.

Mas eu não sou uma garota normal. Sou uma atriz profissional. Não frequento a escola; tenho tutores. Não fico na praça de alimentação com meus amigos — pego alguma coisa no bufê quando estou filmando ou preparo algo na cozinha quando não estou. Leio roteiros e decoro falas enquanto me exercito; faço o dever de casa no set de filmagens.

No ano passado, minha relação com o meu pai ficou mais tensa do que nunca, mas já não é boa há anos. Herdei pouca coisa dele, exceto os olhos cinza-esverdeados e a paixão por corrida. Em todos os outros aspectos, somos opostos absolutos. Ele não me entende. Eu não o entendo. Fim da história.

2

Reid

— Seu pai disse que vai estar em casa hoje à noite. Por favor, Reid?

Merda.

— Tá, mãe.

Jantar com Mark e Lucy — sempre uma diversão. Evito quando possível, mas minha mãe me encurralou antes de eu sair para a reunião com o Larry, meu relações-públicas. Ela é tão insistentemente ansiosa que é difícil dizer “não” para ela. Meu pai não parece estar na mesma luta. Ela tem uma visão idealizada de nós três como uma família feliz: se sentarmos juntos à mesa de jantar, a alegria doméstica vai acontecer por magia. Não sei como ela não percebe que isso é um desejo irreal, já que nunca funcionou. Vou embora em breve, de qualquer maneira. Eu me recuso a pensar em quanto ela vai se afundar nesse momento.

Ainda não decidi quando vou me mudar. Meu quarto tem uma entrada separada e é mais como um apartamento colado à casa dos meus pais do que um quarto dentro dela. Minha avó morou conosco até morrer alguns anos atrás, e esse era o seu quarto. Pouco depois

de ela morrer, convenci minha mãe a me deixar trocar de quarto. Meu pai ficou puto porque eu tinha uns quinze anos e, desse jeito, poderia entrar e sair sem eles perceberem, mas já estava tudo acertado quando ele ficou sabendo, e eu simplesmente me fechei e o ignorei até ele parar de me atormentar.

— Parabéns pelo papel em *Orgulho estudantil*, cara. — Larry está puxando o meu saco, para variar. Estamos num restaurante japonês em Ventura, e ele está me irritando demais. Ele nem sabe usar os pauzinhos direito, é como se suas mãos fossem retardadas. Pode parecer uma coisa pretensiosa e desagradável de dizer, mas foi *ele* que escolheu o lugar. Além do mais, meus instintos me dizem que ele está amargo com o que eu ganho em comparação a ele. Existe muita inveja nessa indústria. Quanto mais bem-sucedido você é, mais é alvo.

— Obrigado. — Coloco um pedaço de sashimi de salmão na boca. Ele limpa a garganta.

— Então, bom, olha... — Merda, cara, fala de uma vez. — A gente acha que você devia, hum, participar de algumas ações de caridade, agora que virou adulto. — Ele está com uma expressão de quem acha que eu vou implicar com isso, o que me faz pensar se eu *devia* implicar.

Olho para ele, ainda mastigando.

— Tipo o quê?

Juro por Deus que ele se contorce no assento como uma criança que está quase fazendo xixi nas calças.

— Bom, temos muitas ideias. Teleton ou, hum, um ou dois dias em algum lugar tipo o Habitat para a Humanidade, ou você pode apoiar a alfabetização de adultos ou a vacinação infantil numa propaganda de TV.

Eu tinha esquecido a tendência do Larry a falar “bom” e “hum” quando está nervoso. Isso me faz ter vontade de enfiar um sushi na sua boca até ele não conseguir falar de jeito nenhum.

— Não vou fazer Teleton nem trabalho braçal. E vacinação infantil? — Arqueio uma sobrancelha. — Isso não devia ser feito por pessoas com filhos?

Ele seca o rosto com o guardanapo.

— Bom...

Isso vai levar todo o maldito dia.

— Mais alguma coisa?

Ele cutuca as fatias de atum.

— Você podia visitar escolas, participar de palestras de conscientização em relação ao álcool e às drogas...

— Hum, *não*. — A ironia seria hilária demais, mas não vou fazer isso. Seria como aquelas celebridades adolescentes que fingem ser virgens, usam anéis de castidade e pregam a abstinência para outros adolescentes, mas são pegas com as calças na mão em algum momento. Literalmente. Já sou perseguido demais pela imprensa sem que eles consigam me pegar chapado ou bêbado.

— Bom... hum, você pode simplesmente doar algum dinheiro...

— Vamos fazer isso. Vê com o meu pai, ele cuida disso.

— Você tem alguma causa em mente?

Olho para ele sem expressão. A única causa em que eu acredito é a minha. As garotas gostam de bichos, certo?

— Alguma coisa relacionada a animais. — Condição: quanto mais fofo melhor. — Mas nada de grupos ativistas malucos. E animais domesticados, nada de salamandras ameaçadas de extinção ou merdas assim.

— Ah, tudo bem. Bom... animais domésticos... tipo a UIPA?

— Claro. — UIPA: alguma coisa-alguma coisa-alguma coisa dos animais.

Emma

Estou tirando meu jantar de restos requentados do micro-ondas quando o meu celular apita com o toque da Emily. Ela não espera o “alô”.

— Liga no canal dez!

— Tá, só um instante...

— Não! *Agora!*

Vou obedientemente até a televisão.

— Calma aí, estou indo. O que está acontecendo?

— *Quem* está acontecendo, você quer dizer.

Aperto o número do canal no controle remoto e a tela mostra as imagens piscando e a música tema do *Entertainment Tonight*.

— ... e ele está aqui hoje para conversar com a gente sobre um novo projeto a caminho — diz o apresentador enquanto a tela de cinquenta e duas polegadas sincroniza com o sistema de som surround.

A câmera corta para Reid Alexander, o cara mais quente do cinema atualmente.

— *É, estou amarradão com isso.* — Ele balança o cabelo loiro-escuro para tirá-lo dos olhos e dá aquele sorriso que é sua marca registrada: um pouco tímido, meio humilde, totalmente lindo.

— Ai. Meu. Deus — sussurra Emily.

Reid Alexander é simplesmente maravilhoso: olhos azul-escuros e feições atraentes — cílios escuros e compridos, boca carnuda —, os traços do rosto bem masculinos. O cabelo está sempre desarrumado, mas é um tipo de descabelado perfeito. Ele não parece real; é como se fosse a interpretação artística de um deus do sexo de dezoto anos.

— *Então o filme é uma adaptação da história clássica de Jane Austen, Orgulho e preconceito?* — O apresentador segura o microfone sob o queixo dele.

— *Hum, isso. E se passa numa escola de ensino médio americana, então vai ser diferente. Original, sabe? Vou trabalhar com Adam Richter, e isso me deixa muito animado.*

— Emma! — Sinto a euforia de Emily pela linha do telefone. — Esse é o seu filme, né? Eu vi a sinopse e pensei: *Putá merda, é o filme da Emma!*

— *Árrã.* — Ainda não consigo responder coerentemente. Reid Alexander vai interpretar Will Darcy numa adaptação de cinema para a qual eu não estava tão animada para fazer o teste vinte e quatro horas atrás.

— *A pergunta que todo mundo quer saber: quem será a protagonista?*

— *Vamos fazer testes daqui a algumas semanas, então devo saber a resposta a isso muito em breve.* — Mais um sorriso matador.

O apresentador vira para a câmera.

— *Vocês ouviram, pessoal. Reid Alexander vai interpretar Will Darcy com uma atriz sortuda e ainda desconhecida no papel de Lizbeth Bennet. Quem será? A gente avisa quando souber! As gravações devem começar no fim do verão.*

Desligo a TV e me jogo no sofá.

— Emma, é destino. Vai ser você. Reid Alexander é Darcy, e você vai ser *Elizabeth Bennet*.

— É Lizbeth — digo. — Eles mudaram os nomes.

— Tanto faz. — Emily está cheia de sua confiança habitual em mim. — Você vai ser *ela*.

* * *

Estou exausta de tanto estudar roteiros de testes até as duas da manhã. O cheiro de café sobe da cozinha, e arrasto os pés até lá com um objetivo fixo, uma zumbi com fome de cafeína em vez de cérebros, até ouvir Chloe, minha madrasta, conversando com meu pai na cozinha. Sem querer encontrar os dois tão cedo, especialmente se eles estiverem se sentindo ofendidos com minha reação indiferente à notícia do teste, hesito no topo da escada.

— Ela vai se animar. Ela sempre acaba cedendo. O que ela vai fazer? Administrar a própria carreira? — Fico tensa com o tom sarcástico da Chloe.

Meu pai está menos desdenhoso e mais irritado.

— Esse pode ser o caminho para ela sair dos papéis insignificantes e dos comerciais. Eles já escalaram *Reid Alexander* para o papel principal. O Dan diz que o cara quase nunca precisa fazer teste. Quando ele quer um papel específico, é quase garantido que vá conseguir.

— E ele é *muito* gostoso. — Como é que a Chloe pode falar uma coisa dessas quando Reid Alexander tem quase a mesma idade dos seus alunos de geografia? Achei que ela tivesse um limite. Que nojento.

— Não tenho a menor ideia do que ela quer — diz ele. Se eu alugar um outdoor ou contratar um avião para escrever no céu, será que ele vai entender o que eu digo que quero?

— Ela vai se animar — diz a Chloe. — Quando for rica e famosa, ela vai conseguir trabalhos decentes, em vez de perseguir qualquer papel porcaria que aparecer. Apesar de que seria um exagero chamar o que ela faz de *trabalho*. — Agarro o corrimão, esperando meu pai dizer alguma coisa em minha defesa.

— Humpf — diz ele, saindo porta a fora para trabalhar. Chloe para na frente de *Good Morning America*, porque, infelizmente, a semana do saco cheio também se aplica aos professores. Normalmente, eu não me importo nem um pouco com a opinião dela, por mais que seja irritante ouvi-la no início da manhã. Nem mesmo o café pode me fazer descer agora.

Meu pai estava lá quando fiz meu primeiro comercial — dezoito tomadas para conseguir o gole exato de suco que não inibisse minhas duas frases sobre como a bebida era deliciosa e saudável. Até hoje eu não consigo olhar para um suco de uva sem ter ânsia de vômito. Ele estava lá quando o diretor maníaco de um filme de baixo orçamento feito para TV gritou na minha cara porque deixei cair um

telefone cenográfico. Ele me viu sofrer com o calor do deserto do Arizona, com uma parca fechada até o queixo, interpretando a filha de um explorador intergaláctico que tinha sido exilado num planeta seco e congelado.

Achei que pelo menos ele sabia que eu trabalho muito.

Não me entenda mal — eu adoro o que faço. E sou boa nisso. Algumas pessoas supõem que atuar é simplesmente usar as roupas ou o sotaque de alguém, mas isso não é suficiente. Você tem que tirar a pele da personagem, entrar completamente nela, se permitir se misturar a ela. Você tem que *se tornar* a personagem. Mesmo que ela seja uma criança que gosta *muito* de suco.

Eu devia ser grata, devia me sentir sortuda — e sou grata, me sinto sortuda. Mas, mesmo que você tenha tudo que todos desejam, se não for o que *you* deseja, não é e ponto-final. Uma versão de cinema no ensino médio de uma das melhores histórias de todos os tempos? Sério? A menos que Jane Austen seja fã de Reid Alexander, ela provavelmente está se revirando no túmulo.